

SENTIDOS E HISTÓRIA SOBRE O CEFET-MT: UMA ABORDAGEM CRÍTICA DO DISCURSO

Sueli Correia Lemes Valezi¹

RESUMO: Com base na Teoria da Análise do Discurso Crítica, proposta por Fairclough (2001), este artigo faz uma leitura reflexiva e crítica de práticas discursivas que enunciam sobre o Cefet-MT e que constroem a história da instituição. Utilizando-se de uma pesquisa qualitativa de caráter interpretativo, os dados colhidos por meio de instrumentos formais e informais foram organizados na forma de um recorte para este texto, com o objetivo de oferecer uma pequena contribuição para o registro de fatos e de sentidos que constroem a história da instituição nestes 100 anos de organização como entidade educacional na capital mato-grossense.

PALAVRAS-CHAVE: Práticas discursivas, sentidos e história, Cefet-MT.

ABSTRACT: Based on the Theory of Critical Discourse Analysis, proposed by Fairclough (2001), this article brings out a reflexive and critical reading of discursive practices which enunciate the Cefet-MT and construct the history of the institution. Using a qualitative research of interpretative nature, the data collected through formal and informal instruments were organized as a cutout format for this text. It offers a contribution for the record of facts and meanings that have been constructing the history of the institution in these 100 years of the organization as educational institute in the capital of Mato Grosso.

KEYWORDS: Discursive practices, Meanings and history, Cefet-MT.

¹ Mestra em Estudos de Linguagens, pela UFMT; professora de Língua Portuguesa do IFMT – Campus Cuiabá. E-mail: suelivalezi@uol.com.br.

INTRODUÇÃO

Este artigo resulta de algumas reflexões que têm me inquietado em momentos em que meu olhar sobre a instituição tem se enviesado para a investigação das práticas discursivas de sujeitos situados dentro e em torno do Cefet-MT. Como instituição centenária na capital mato-grossense, ela tem contribuído significativamente para a formação escolar geral e/ou profissional de muitos cuiabanos nativos ou migrantes de outros Estados brasileiros; e auxiliado, também, na construção da história do Estado de Mato Grosso. Como importante monumento histórico-social, considero digno de registro alguns sentidos que permeiam variados discursos, cujo tema principal é o valor simbólico dado a essa instituição pela comunidade interna e externa.

Esse olhar de estranhamento diante do cotidiano profissional resultou em um projeto de pesquisa que, submetido a um programa de doutoramento, não foi ainda implementado, mas encontra-se hibernado em um dos meus projetos futuros de pesquisadora que anseia por sistematizar cientificamente dados e interpretá-los sob a ótica da Análise do Discurso.

Neste texto, faço uma breve passagem por algumas contribuições teóricas de autores brasileiros que desenvolvem pesquisas sobre a Análise de Discurso, e privilegio alguns conceitos da Análise de Discurso Crítica, proposta por Fairclough (2001), por considerá-la mais adequada para a análise interpretativa do objeto de análise. Além desses, encontrei também, na obra de Bakhtin, referências teóricas que auxiliam sobremaneira na leitura dos enunciados organizados para este texto.

Em seguida, delineio mais especificamente a metodologia empregada nesta pesquisa que, de antemão, pode ser admitida como qualitativa e etnográfica, dentro de uma perspectiva interpretativa.

No item essencial deste trabalho, analiso os dados colhidos em conversas informais e em enunciados proferidos em reuniões formais, além de excertos de entrevistas realizadas no período em que desenvolvi minha pesquisa de Mestrado, também ocorrida na instituição, e cujo objeto de análise teve como tema o ensino de Língua Portuguesa nos cursos técnicos.

O DIÁLOGO TEÓRICO

A pesquisa proposta neste texto toma como foco os sentidos que permeiam as práticas discursivas em torno das mudanças vividas pelas instituições federais de Ensino Técnico e Tecnológico do País e, em especial, o Cefet-MT. Para investigar cientificamente esse cenário, escolhi a linha teórica da Lingüística conhecida como Análise do Discurso, por ela privilegiar o estudo do significado no uso da linguagem como prática social e por se apresentar como uma referência teórica e metodológica possivelmente adequada para a leitura investigativa dos enunciados orais coletados nesta pesquisa. A Análise de Discurso, neste tipo de investigação, pode ser considerada pertinente, pois, no complexo de discursos que circulam nessa esfera de atividade social, ela concebe os significados dessas práticas discursivas como produção histórico-social, para além das palavras em si mesmas.

Tomar a linguagem como discurso significa, simultaneamente, assumir uma concepção interacionista da linguagem que, nos termos de Brandão (1997, p. 12), é uma prática atravessada por toda sorte de relação social atestada num contexto histórico dado:

A linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento; a linguagem enquanto discurso é interação, é um modo de produção social; ela não é neutra, inocente [...] e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia. [...] Como elemento de mediação necessária entre o homem e sua realidade e como forma de engajá-lo na própria realidade, a linguagem é lugar de conflito, de confronto ideológico, não podendo ser estudada fora da sociedade, uma vez que os processos que a constituem são histórico-sociais.

A Análise do Discurso tem por objeto de estudo os significados que estão construídos pelo/no uso da língua, sob as condições sócio-históricas dadas. Assim, considera que os sentidos são produzidos pelos sujeitos

enquanto membros de uma comunidade social e discursiva. Relacionar “a linguagem à sua exterioridade”, ao se perguntar pelos sentidos, é a perspectiva de interpretação visada pelo analista do discurso. Segundo Orlandi (2001, p. 15), “na análise do discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e de sua história”.

Neste texto, privilegio os conceitos da Análise de Discurso de corrente anglo-saxônica, por ela conceber que o discurso é tanto moldado quanto molda as relações de poder numa dada formação sócio-histórica-ideológica e por suas abordagens postularem uma relação dialética e não unilateral entre as práticas discursivas e sociais.

A característica principal da Análise de Discurso Crítica (ADC) é a sua insistência na possibilidade de o discurso contribuir para a transformação da sociedade e não apenas para a sua reprodução. Dessa forma, a ADC assume seu caráter militante de crítica ideológica. Diante dessa vocação, focaliza, sobremaneira, as contradições patentes nas práticas discursivas que sinalizam que há mudanças em curso. Afinal, as “práticas discursivas em mutação são um elemento importante na mudança social” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 82).

Ao travar um diálogo e servir-se de vários conceitos de outros lingüistas e analistas de discurso, principalmente com Foucault, Fairclough propõe sua teoria privilegiando a análise textual. Surge, então, a Análise de Discurso Textualmente Orientada (ADTO) – um método que permite ao autor afirmar que os lingüistas são essenciais nos estudos desenvolvidos pelos cientistas sociais. Dessa forma, Fairclough imprime à ADC um caráter transdisciplinar e apresenta, como seu foco específico, a relação entre o mundo social e a linguagem.

Da mesma forma como o lingüista inglês estabelece um diálogo com todas as vertentes da AD, salientando os pontos de convergência e divergência entre elas, considero essencial também estabelecer relações dialógicas com autores como Bakhtin (2002; 2000). As concepções teóricas do lingüista russo não podem ser ignoradas ao serem lidos os dados desta pesquisa, porque suas contribuições são essenciais aos estudos sobre discurso e suas manifestações orais e escritas.

Uma das grandes contribuições bakhtinianas utilizadas neste artigo diz respeito ao caráter dialógico que ele atribui aos enunciados concretos. A relação dialógica entre um gênero primário comum do cotidiano – a conversa informal – é compreendida facilmente. No entanto, Bakhtin não se refere a isso simplesmente. Ele estende essa relação para todos os outros enunciados concretos/gêneros do discurso que acontecem nas práticas sociais.

Não obstante, a relação dialógica não coincide de modo algum com a relação existente entre as réplicas de um diálogo real, por ser mais extensa, mais variada e mais complexa. Dois enunciados, separados um do outro no espaço e no tempo e que nada sabem um do outro, revelam-se em relação dialógica mediante uma confrontação de sentido, desde que haja alguma convergência do sentido (ainda que seja algo insignificante em comum no tema, no ponto de vista, etc. (BAKHTIN, 2000, p. 354).

Segundo o autor, não há enunciados monológicos, ou seja, ninguém enuncia uma palavra sem que ela seja uma resposta de outros enunciados e, ao mesmo tempo, ao proferir uma palavra, o locutor também provoca a resposta do outro. Essa característica é essencial para a produção de sentidos para os textos/enunciados que nos circundam diariamente. E, assim, como interlocutores dos diálogos, tornamo-nos co-participantes do enunciado, pois nos inserimos nessa relação dialógica.

A relação dialógica tem uma amplitude maior que a fala dialógica numa acepção estrita. Mesmo entre produções verbais profundamente monológicas, observa-se sempre uma relação dialógica. [...] A compreensão do todo do enunciado e da relação dialógica que se estabelece é necessariamente dialógica (ibid., p. 355).

A importância de se analisar discursos, materializados em enunciados concretos, e identificar neles sentidos que identificam a estrutura social e

as relações sociais que nela se engendram, tem respaldo na concepção de Fairclough (2003, p. 124). Para esse lingüista, “o discurso não apenas representa o mundo, como ele é o mundo”. E os discursos, materializados em textos orais ou escritos, verbais ou não-verbais, representam as práticas discursivas e, consequentemente, as práticas sociais.

O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

Como toda abordagem científica visa investigar criticamente a realidade para contribuir com ações concretas ou reflexivas sobre uma dada situação sócio-histórica, a pesquisa lingüística também deve revestir-se de uma prática social transformadora. De acordo com Rajagopalan (2003, p. 128), a lingüística crítica sabe que “fazer ciência também é uma prática social” que pode reforçar certas ordens econômicas, sociais e políticas ou enfraquecer-las, desestabilizá-las e até mudá-las.

Partindo, portanto, desse pressuposto e seguindo a linha teórica da ADC proposta por Fairclough, minha crença em observar, registrar e analisar as práticas discursivas que permeiam um contexto escolar profissionalizante tem o objetivo de ressignificar práticas pedagógicas a fim de que, efetivamente, haja mudanças e melhorias no ensino – o fim principal da instituição – e, consequentemente, ocorram mudanças sociais, como sugere o autor.

UM GUIA METODOLÓGICO

Esta pesquisa apresenta-se numa perspectiva interpretativa, pois observa as ações do homem no mundo e capta os significados que ele atribui a elas. As práticas discursivas dos sujeitos que enunciam sobre a instituição,

situados dentro e fora do espaço escolar, constituem o objeto de análise. Ao analisá-las, foi possível apreender os sentidos que povoam o contexto sócio-histórico-cultural dos sujeitos observados. Este estudo não parte de hipóteses a serem testadas, pois o seu caráter é social e, por meio da escuta de vozes, foi possível apreender sentidos a respeito do tema proposto.

Bogdan e Biklen (1994, p. 47) realçam o aspecto descritivo da pesquisa qualitativa, ao afirmarem que os “dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não números”. Dessa forma, tem-se, do ambiente observado, “a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo”.

Um dos métodos de procedimento da pesquisa qualitativa é a etnografia, cujo objetivo primário é a descrição de culturas. Para tanto, todos os dados coletados no meio natural são relevantes, pois, de maneira particular e comparativa, cada um deles pode constituir pistas para a interpretação dos significados.

Vale ressaltar, ainda, que nesse tipo de pesquisa não se procura eliminar as possíveis influências do pesquisador no processo investigativo, mas sim considerar o caráter reflexivo, de forma a encontrar uma solução para esse aspecto particular da pesquisa social. E, assim, o pesquisador torna-se o “principal instrumento na coleta de dados”, pois ele convive com o grupo para aprender a apreender sua cultura (DETOMI, 1995). Ao revestir-me da *persona* de pesquisadora em um ambiente familiar, minha ação é a de ver “a invisibilidade do cotidiano” escolar. É reconhecível a trivialidade aparente ao se perguntar “o que está acontecendo aqui”. No entanto, não é trivial se se considerar que “o cotidiano é invisível para quem está imerso nele”, pois quando o ambiente pesquisado nos é familiar, ele é invisível e contraditório (ERICKSON, 1990).

Entre as técnicas de pesquisa, utilizei a observação direta participante para apreender os sentidos da realidade que analisei. Com esse tipo de observação e sua reflexibilidade inerente, é possível tornar estranho o que é familiar e reconhecer, no que é familiar, seu caráter interessante, ou seja, ressignificar o desgastado (*ibid.*).

Foi utilizada também a técnica de entrevistas semi-estruturadas e ocasionais, provenientes de momentos em que a pesquisa de Mestrado estava acontecendo nos anos de 2004 e 2005, e em outros eventos discursivos formais e informais que ocorreram na instituição em 2007 e 2008.

Os sujeitos participantes deste estudo podem ser organizados em dois grupos distintos de acordo com seu vínculo de interesses na instituição: servidores técnicos administrativos, professores da instituição, alunos e cidadãos moradores da cidade, incluindo os nascidos na capital e os migrantes de outros Estados.

ANALISANDO AS PRÁTICAS DISCURSIVAS: SENTIDOS E HISTÓRIA SOBRE O IFMT – CAMPUS CUIABÁ

Os Sentidos em Torno das Coerções Governamentais

As instituições federais de Ensino Técnico e Tecnológico no Brasil, diante das exigências ou sugestões das instâncias superiores de ensino, como o Ministério da Educação, têm sofrido, ao longo dos seus quase 100 anos de história, constantes transformações que foram deixando marcas históricas no transcorrer de sua existência. As mudanças vão desde a reorganização da estrutura administrativa e da comodificação² dos cargos de cada departamento até alterações do nome da instituição. Entre as maiores exigências quanto à implantação de um novo modelo educacional, temos a criação de novos cursos, níveis de ensino ou ainda remodelação dos já existentes.

As mudanças propostas pelas constantes resoluções do Ministério da Educação não estão restritas apenas à instituição de Cuiabá, mas também se estendem a várias outras instituições federais de Ensino Técnico e Tecnológico espalhadas pelo País. Mesmo que discursos proferidos

2 Comodificação, de acordo com Fairclough (2001, p. 255), refere-se ao processo de colonização de ordens de discursos institucionais e societários por discursos da ordem da economia de mercado. Houve um tempo em que as divisões administrativas recebiam o título de Gerência e os servidores que as ocupavam eram chamados de Gerentes. Eis, portanto, um exemplo de comodificação, pois uma instituição escolar tem seus discursos colonizados pelas ordens de discurso da modernidade tardia.

por representantes do Governo indiciem uma flexibilidade quanto às mudanças, sempre há o tom coercitivo da voz do governo ao atrelar a aceitação do novo modelo institucional ao aumento de verbas.

No entanto, entre as escolas da rede federal de Ensino Técnico e Tecnológico, há aquelas que se impuseram e não implantaram o novo modelo, mesmo sob intimidação do MEC, como é o caso do Cefet do Paraná que, corajosamente, enfrentou as negativas governamentais e se transformou em Universidade Tecnológica do Paraná (UTFPR). Mesmo assim, uma mobilização contrária à coerção pode provocar inseguranças e incertezas quanto às reações governamentais e ainda ocorrer retaliações orçamentárias. Por esse motivo, a maioria dessas instituições no País rende-se à nova mudança imposta pela voz ideologicamente predominante e legitimada sócio-históricamente.

Diante das coerções sincronizadas com o perfil do mercado de trabalho de um capitalismo global irrestrito, o nome das instituições tem mudado periodicamente, como também a sua estrutura organizacional e os cursos que elas oferecem. No entanto, os professores e funcionários, ao serem convocados a assimilarem o novo, assumem discursos interpelados por diferentes formações ideológicas e, consequentemente, surgem conflitos de vozes que fazem a história cotidiana na instituição.

Em outubro de 2007, foi realizado, no Cefet-MT, o Fórum “Desafios e Perspectivas para uma Nova Transformação no Cefet-MT: IFET ou UTF?”, com o objetivo de proporcionar aos servidores da instituição a oportunidade de discutirem o novo modelo proposto pelo Mec/Setec. Esse foi um dos primeiros momentos em que foi possível analisar a mais recente proposta do Governo. Além da presença de toda a comunidade cefetiana no anfiteatro da instituição, a platéia pôde ouvir tanto os pronunciamentos de um dos representantes do Mec/Setec quanto as experiências de transformação de Cefet-PR para UTFPR, compartilhadas pelo reitor da Universidade Tecnológica do Paraná.

Na voz de professores presentes nas discussões em torno da proposta, apareceram os seguintes enunciados proferidos durante a participação da platéia, composta por professores, técnicos administrativos e alunos da instituição:

Enunciado 1: “*Como mudar de Cefet para Ifet, se ainda temos alma de ETF?*”(professor).

Enunciado 2: “*Quando muda muito de nome, sem construir, é complicado*”(professora).

Nos enunciados colhidos em um dado momento histórico da instituição, podemos observar as vozes em que comumente ressoam os conflitos evidenciados diante das mudanças e que ressurgem em diferentes diálogos informais. Elas denunciam as diversas formações ideológicas que enunciam as imposições ditadas pelo Mec. Os sentidos que perpassam esses enunciados demonstram certas inquietações dos sujeitos sociais em relação às constantes transformações pelas quais a instituição vem passando e que constroem o perfil de “eterno” reformismo imposto pela modernidade tardia.

Nesses enunciados, podemos prever também a palavra do outro dialogicamente instaurada. Considerando que todo enunciado concreto pertence a um emaranhado de discursos e que estes dialogam entre si formando uma espiral de sentidos e que, ao mesmo tempo em que responde à palavra do outro, instaura uma “atitude responsiva ativa” (BAKHTIN, 2000), evidenciamos, nos excertos citados, as diversas vozes que interpelam o discurso dos sujeitos ao fazer referências às três grandes mudanças sofridas pela instituição nas últimas décadas.

No Enunciado 1, ressoam as muitas vozes daqueles que, mesmo diante da transformação de ETF para Cefet, ocorrida em 2002, não sentem, na essência, a verdadeira mudança. E se não bastasse essa significativa e recente substituição – para alguns – apenas de nome, o Ministério da Educação reaparece, em 2007, com uma nova proposta: transformar os Cefets em Ifets – Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. O novo modelo apresentado pelo Mec faz parte do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) e os novos Ifets serão constituídos a partir da integração dos Centros Federais de Educação Tecnológica com as Escolas Técnicas e Agrotécnicas Federais do Estado.

Na voz dos sujeitos sociais que enunciam sobre as incontáveis transformações por que passa a instituição, mudar parece significar não mudar.

Mudar significa perpetuar os sentidos da ideologia liberal, significa adequar-se à ordem econômica capitalista tal como se configura na modernidade tardia. Mudar significa mudar para não mudar, para tudo ficar como está.

Essa coerção ideológica é indiciada também na voz do representante do Mec, que, ao utilizar-se da perífrase verbal “tem que ser” para enunciar a nova mudança, demonstra a imposição governamental para que os Cefets optem pela transformação em Institutos – Ifets – e não em Universidades – UTFs, pois, se assim não for, “haverá dificuldade para a aquisição de verbas”. Portanto, não há muito espaço para recusas ou ainda subversão por parte das instituições federais de Ensino Técnico e Tecnológico do País.

Da mesma forma como muitas manifestações culturais cuiabanas lutam por continuar ocupando um espaço de destaque e valorização entre a sociedade local, a “Escola Técnica”, mesmo diante das mudanças, ainda permanece com “um pé no passado e outro no futuro”. E a divisão de grupos que oscilam entre passado e futuro é evidente.

Este cenário de conflitos de vozes surgidas em vários momentos de discussões formais e informais na instituição constitui um objeto bastante relevante a ser analisado e são eles que vão construindo a história dessa instituição centenária, pois os discursos, de acordo com Fairclough (2003), não apenas representam o mundo, mas constituem o mundo ou, preferencialmente, o projetam.

OS SENTIDOS EXTERNOS E INTERNOS CONSTRUINDO A HISTÓRIA DA INSTITUIÇÃO

Além dos sentidos que circulam internamente na instituição em relação ao Cefet-MT e às suas mudanças, há outro aspecto que vale ressaltar: os significados que a sociedade cuiabana atribui ao Cefet-MT promovem uma divisão dos sujeitos em dois grupos cujos discursos são interpelados por diferentes formações ideológicas.

Um dos grupos é constituído por cidadãos nascidos e criados na capital mato-grossense – os quais são chamados de “cuiabanos de chapa e cruz”. Os discursos proferidos por esses sujeitos são interpelados pelos

discursos dos antepassados, principalmente filiados às tradições regionais.

Nesse primeiro grupo, comumente surgem vozes afinadas com uma concepção valorativa sobre o Cefet-MT. Vários e interessantes são os enunciados que interpelam os discursos dos sujeitos desse grupo ao se referirem à instituição. Alguns enunciados são proferidos em vários diferentes diálogos e discursos formais e pelos mais diferentes sujeitos. Como se poderá observar nos enunciados 3, 4 e 5, eles indicam a reiteração de significados atribuídos à instituição:

Enunciado 3: *“A ETF formou políticos importantes e outras celebridades do Estado”* (professor).

Enunciado 4: *“A ETF sempre foi uma escola de excelência no ensino”* (professor).

Enunciado 5: *“A ETF é uma escola elitizada social e intelectualmente”* (comunidade local).

Outros enunciados, colhidos em diferentes falas e na voz de diferentes sujeitos, merecem destaque por sua relevância quanto aos sentidos construídos em torno da instituição. O valor simbólico dado a ela não se restringe apenas aos seus resultados no processo de ensino-aprendizagem, mas se estende à sua arquitetura física.

Enunciado 6: Entrevistador: *“Qual a visão que você tinha da escola, assim, os comentários?”*

Informante: *“De ser uma excelente instituição, assim... eu não sei se porque, quando você vem de lá, o prédio se impõe, assim, a você. É um ar de grandeza... (Professora – Entrevista do Mestrado).*

Neste enunciado, os sentidos que emergem na voz do informante trazem o valor comumente dado à qualidade no ensino atrelado à localização espacial do prédio, no alto da avenida que o faz se destacar na visão daqueles que fazem o trajeto pela rua Cursino do Amarante, a qual termina em frente ao Cefet-MT. Vale ressaltar, ainda, outros sentidos relacionados

à sua arquitetura que absorvem características militares, como se fosse uma fortaleza que tem a função de proteger os que estão dentro dela.

Pertencentes ao grupo da sociedade local, há as vozes que demonstram o *ethos* saudosista e confiante na qualidade de ensino da instituição, como se pode observar no enunciado apresentado a seguir:

Enunciado 7: “*É o sonho de todo pai ver seu filho estudar na Escola Técnica*” (comunidade local).

Além disso, os bons resultados que a “Escola Técnica” sempre obteve na aprovação dos seus alunos de nível médio no Vestibular da Universidade Federal de Mato Grosso (considerada a instituição pública mais concorrida do Estado) constitui um dos grandes motivos que fazem com que os alunos do Ensino Fundamental almejem intensamente ingressarem nela, mesmo porque estarão tendo “ensino de qualidade, gratuitamente”.

O segundo grupo de sujeitos é formado comumente por famílias de migrantes de outros Estados brasileiros, principalmente os do sul, como Paraná e Santa Catarina, que recebem, dos cidadãos nativos da Capital, o título de “paus-rodados”. Muitos deles, ao ouvirem referências ao Cefet-MT, dizem “não conhecê-lo”, ou “não sabem quais os níveis de ensino ou quais os cursos ofertados pela instituição”. Há, ainda, sujeitos que concebem a escola como uma instituição particular e, devido a isso, dizem não ter condições de ingressar nela ou de matricularem seus filhos.

O que se pode destacar na fala de um bom número de sujeitos desses grupos, principalmente entre os nascidos na capital, é que, ao enunciarem a respeito da instituição, sempre se referem a ela como “Escola Técnica Federal de Ensino”, ou apenas “Escola Técnica”, ou ainda ETF. Isso provavelmente acontece porque foi o nome que mais tempo permaneceu na história da instituição. Em sua fachada de entrada para a quadra poliesportiva – na avenida Marechal Deodoro, cujo portão raramente é aberto –, ainda há uma grande placa enferrujada com a sigla ETF, confundindo, assim, as referências externas à instituição.

Em enunciados produzidos por alunos bolsistas da instituição, podemos observar o quanto a sigla ETF é ainda forte na voz dos moradores da cidade.

Enunciado 8: *“Jovens de 17 anos ou menos sabem se referir à escola como Cefet, mas há os que têm acima de 25 anos que só se referem à escola como ETF. [...] Por telefone, quando explicamos onde se localiza a escola [...], devemos dizer às pessoas que é a ETF e não Cefet, que todo mundo sabe”* (aluno bolsista).

Devemos considerar que, como Escola Técnica, foram 34 anos “reinando soberanamente” em um contexto educacional em que não havia instituições particulares de nível médio para atender aos filhos da elite local. Foi também sob este nome que a instituição mais recebeu notoriedade devido à oferta de cursos de nível médio profissionalizante que preparava o aluno tanto para o ingresso imediato na UFMT – sem auxílio de cursinhos pré-vestibulares – como também capacitava o aluno em uma atividade de nível técnico para ingresso imediato no mundo do trabalho.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percorrendo a história do Cefet-MT e as mudanças ocorridas desde a sua fundação, veremos que as determinações político-sociais, sem sombra de dúvida, têm deixado marcas profundas na alma e na vocação da instituição.

De “Escola de Aprendizes Artífices de Mato Grosso”, criada em 1909 para atender aos “pobres e desvalidos da sorte”, a “Centro Federal de Educação Tecnológica”, criado em 2002, e já às portas de uma nova mudança com a criação do IFMT, várias e diferentes transformações foram vividas pela instituição com o objetivo de atender à formação profissional dos cidadãos e aos discursos governamentais. Essa é a voz que se diz afinada com a demanda tecnológica das empresas, pois, conforme as necessidades de mão-de-obra qualificada crescem em decorrência da modernidade, o Governo Federal vai criando novos modelos pensando estar em consonância com os novos discursos do mercado de trabalho.

O cenário de constantes transformações que temos presenciado nas instituições de Ensino Técnico e Tecnológico tem promovido conflitos em torno do que fazer diante de novos cursos que são, instantânea e coercitivamente, instaurados na instituição. Habitados ao ensino de nível médio de formação geral e nível técnico de formação profissional, os docentes se vêem diante de níveis de ensino ou cursos aos quais não estão habituados ou sequer habilitados para atuarem. Entre eles, destaco os cursos de nível superior tecnológico, que foram implantados como exigência para que houvesse a transformação de “Escola Técnica Federal” para “Centro Federal de Educação Tecnológica”.

E, mais uma vez, como já dito, a instituição está vivendo um momento de mudanças e as práticas discursivas que estão povoando e ainda povoarão esse fato novo – mas com marcas de já experimentado – constituem um objeto de análise que, lidas sob a ótica da Análise do Discurso, podem evidenciar sentidos que identifiquem os constantes conflitos filiados às diferentes formações ideológicas que permeiam o ambiente escolar. Isso me faz levantar algumas questões que podem tanto provocar reflexões imediatas nos leitores ao final deste texto quanto suscitar pesquisas futuras sobre esse cenário de constantes e infindáveis mudanças: 1. Qual o significado das incontáveis mudanças nos Cefets do País e, principalmente, no Cefet-MT? 2. O que significa mudar, entre os sentidos que circulam nos grupos de interesse dentro e fora do Cefet?

Uma resposta pode ser dada: o reformismo que marca toda a história das instituições federais de Ensino Técnico e Tecnológico do País é próprio da ideologia liberal e do regime capitalista, por este acreditar em progresso material e espiritual. Para aqueles filiados a esse grupo de pensadores, tudo o que vem depois é avaliado como melhor, justificando a substituição do velho pelo novo, sem qualquer avaliação mais consequente.

Esses sentidos que povoam o imaginário de atores dentro do cenário histórico da instituição fazem, portanto, a sua história, confirmando o que diz Fairclough (2001, p. 91): o discurso não apenas representa o mundo, ele constitui e constrói o mundo em significado. E, assim,

sujeitos que enunciarem sobre o Cefet-MT estarão construindo significativamente a história de uma instituição de ensino considerada referência no Estado de Mato Grosso e que luta por manter esse status simbólico no imaginário social.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.
- _____. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. *Investigação qualitativa em Educação*. Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto Codex-Portugal: Porto Editora, 1994.
- BRANDÃO, H. N. *Introdução à Análise do Discurso*. 6. ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- DETONI, R. *Interação em sala de aula*: as crenças e as práticas do professor. Brasília, 1995. Dissertação (Mestrado) – UNB.
- ERICKSON, F. Qualitative methods. In: LINN, R. L.; ERICKSON, F. (Orgs.). *Research in teaching and learning*. v. 2. New York/London: Macmillan Publishing Company, 1990.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora da UNB, 2001.
- _____. *Analysing Discourse*. Textual analysis for social research. London/New York: Routledge, 2003.
- ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso*. Princípios e procedimentos. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001.
- RAJAGOPALAN, K. *Por uma lingüística crítica*: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.